

  
**ruep**

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa  
v. 15, n. 41, out./dez. 2018  
ISSN 2318-2083 (eletrônico)

**JAQUELINE SOARES CARDOSO**

*Faculdade Vale do Gortuba, FAVAG, Nova  
Porteirinha, MG, Brasil.*

**ANNE KAROENE SILVA FARIA**

*Faculdade Vale do Gortuba, FAVAG, Nova  
Porteirinha, MG, Brasil.*

*Recebido em dezembro de 2018.  
Aprovado em março de 2019.*

## A TERAPIA DO RISO COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO NO SETOR PEDIÁTRICO

### RESUMO

---

A risoterapia pode ser utilizada como estratégia terapêutica, uma vez que o riso é um mecanismo de enfrentamento do estresse causado nas crianças pela internação hospitalar. O objetivo desse trabalho foi apresentar e descrever a terapia do riso, por meio do clown, como instrumento de consolidação do cuidado humanizado no setor pediátrico. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica, no qual as publicações selecionadas foram analisadas por completo: título, conteúdo bibliográfico e considerações finais. A risoterapia, considerada de fácil execução e custo baixo, é um fator relevante na humanização do cuidado, promovendo a melhora orgânica e emocional, e o estabelecendo do vínculo entre equipe de Enfermagem- crianças- familiares. Nota-se a necessidade de realizar práticas e estudos acerca da utilização desse tipo de prática, enquanto ferramenta para assistência humanizada.

**Palavras-Chave:** Terapia do Riso; Risoterapia; Terapias Complementares; Humanização da Assistência; Pediatria.

## RISO THERAPY AS AN INSTRUMENT OF HUMANIZATION IN THE PEDIATRIC SECTOR

### ABSTRACT

---

Laughter therapy can be used as a therapeutic strategy, since laughter is a mechanism for coping with stress caused by hospitalization in children. The aim of this study was to present and describe laughter therapy, through clown, as an instrument for the consolidation of humanized care in the pediatric sector. For this, a bibliographic review was carried out, in which the selected publications were analyzed in full: title, bibliographic content and final considerations. Laughter therapy, considered easy to perform and low cost, is a relevant factor in the humanization of care, promoting organic and emotional improvement, and establishing the link between the Nursing-children-family team. It is necessary to carry out practices and studies about the use of this type of practice as a tool for humanized assistance.

**Keywords:** Laughter Therapy; Laughter Therapy; Complementary Therapies; Humanization of Care; Pediatrics.

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa  
Rua Dr. Armando de Salles Oliveira, 150  
Boqueirão - Santos - São Paulo  
11050-071  
<http://revista.lusiada.br/index.php/ruep>  
[revista.unilus@lusiada.br](mailto:revista.unilus@lusiada.br)  
Fone: +55 (13) 3202-4100

## INTRODUÇÃO

O ambiente hospitalar se configura como algo desconhecido para a criança, restrito de práticas como o ato de brincar, além de impor horários que geralmente não fazem parte da sua rotina, despertando, assim, sentimentos como desânimo, solidão, melancolia, saudade do convívio familiar, dos colegas de escola e dos amigos (CALVETT et al., 2008).

Gomes e seus colaboradores (2014) salientam que a pediatria é um setor complexo de dor e doença, e ainda que, os pacientes e seus familiares se esforcem para adaptarem a essa nova realidade, passam a vivenciar os limites impostos pelo contexto no qual estão inseridos e suas regras, que podem desconsiderar suas subjetividades. Isso contribui para a fragilização da criança e a equipe de Enfermagem deve estar atenta a esses aspectos auxiliando-os a superar tais dificuldades.

Embora tenham ocorrido avanços no SUS, ainda não se obteve sucesso na resolução da maior parte dos problemas de saúde enfrentados pelos usuários. Um dos maiores impasses do sistema, além da dificuldade de acesso ao serviço, é o mau relacionamento entre os pacientes, acompanhantes e os profissionais (MELLO, 2008).

Evidenciando a necessidade da construção de novas relações entre esses sujeitos, surge à humanização do cuidado na área das políticas públicas de saúde, referindo-se à transformação dos modelos de atenção e de gestão nos serviços e sistemas de saúde (NAVARRO et al., 2013).

A humanização é conceituada, como uma proposta ética- estética- política. Ética porque compreende o comportamento de pacientes, gestores e profissionais de saúde. Estética porque diz respeito ao processo de geração de saúde e de subjetividades autônomas e protagonistas. E política porque está relacionada à organização social e institucional das atividades de atenção à saúde e gestão na rede do SUS (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2018).

Para se efetivar a humanização é imprescindível que os sujeitos participantes dos processos em saúde se identifiquem como protagonistas de suas ações, procurando garantir o acesso universal ao sistema, a integralidade do cuidado e a equidade das ofertas de prevenção, promoção e restauração da saúde (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2018; BRASIL, 2014).

Buscando minimizar o impacto da hospitalização e fortalecer a humanização, abordagens lúdicas com a intervenção de palhaços têm surgido na pediatria, para mostrar que mesmo em um ambiente desconhecido, existe na criança, uma essência que anseia brincar e se divertir. O palhaço, representado pelo Clown, tem como objetivo o resgate desse desejo através da risoterapia ou terapia do riso (CAIRES et al., 2014).

O riso terapêutico provoca uma sequência de reações benígnas capazes de recompor o estado de homeostasia, minimizar e até curar certas doenças diminuindo o tempo de permanência hospitalar. Esta terapia, além de promover a melhora dos pacientes, torna o ambiente pediátrico mais agradável tanto para a criança e seus acompanhantes quanto para a equipe de Enfermagem, fortalecendo o vínculo e melhorando o diálogo entre os mesmos (FASSARELLA et al., 2012).

A adesão e aceitação da risoterapia têm crescido nos últimos anos, situação corroborada pelo número expressivo de grupos que utilizam essa terapia em hospitais. No Brasil, o projeto mais conhecido de promoção de atividades lúdicas em ambiente hospitalar é o chamado Doutores da Alegria, cuja satirização das rotinas e procedimentos têm proporcionado efeitos benéficos ao processo de internação infantil (COUTINHO et al., 2016).

A relevância desse estudo se faz por considerar que essa temática poderá auxiliar na implantação de ações lúdicas junto à equipe de enfermagem, acompanhantes e criança na fase de hospitalização, conseqüentemente, no desenvolvimento da assistência humanizada e de qualidade. Nesse contexto, o estudo por objetivo apresentar e

descrever a risoterapia, por meio do clown, como instrumento de consolidação do cuidado humanizado no setor pediátrico.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, a partir de buscas na base de dados do Ministério da Saúde (MS), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Utilizou-se os seguintes descritores: terapia do riso; risoterapia; terapias complementares; humanização da assistência e pediatria.

Foram selecionados artigos entre os anos de 2008 e 2018, na língua portuguesa, no qual foram analisados por completo: título, conteúdo bibliográfico e considerações finais. Teses acadêmicas, dissertações ou trabalhos não pertinentes ao tema estudado foram excluídos.

## RESULTADOS

Na pediatria, a humanização da saúde merece uma atenção especial, pois o momento de internação de uma criança exige cautela por parte da equipe profissional, já que as referências do seu contexto de vida são substituídas por paredes claras, medicamentos, maquinários, novo vocabulário, além da sensação de dor e sofrimento, sendo um período marcado pela ruptura com o cotidiano da escola, dos amigos, da família e das brincadeiras (TORQUATO et al., 2013).

A assistência humanizada é direito da criança como ser humano e deve ser expressa no respeito a sua dignidade, crença, necessidades, valores, princípios éticos e morais. A humanização visa assegurar o alívio da dor e do sofrimento infantil com todos os recursos tecnológicos, psicológicos e lúdicos disponíveis no momento de seu atendimento, preservar sua privacidade, como também ofertar condições e ambientes que facilitem o restabelecimento, a manutenção e a melhoria da assistência a sua saúde (GOMES et al., 2016).

A presença do cuidado humanizado nesse ambiente torna-se relevante, sendo percebido como trabalhar em consenso entre as diversas tecnologias e conhecimento científico, com o respeito e valorização do ser humano e de suas singularidades de forma integral. A assistência humanizada deve ser dada de forma a atribuir cidadania, solidariedade às diferenças de cada indivíduo, focando na subjetividade e satisfazendo suas necessidades e dos profissionais que prestam assistência ao paciente (OLIVEIRA et al., 2011).

Esse tipo de cuidado é uma forma de relacionar-se com a criança, com o objetivo de prestar uma assistência integral e criar um elo com o paciente. Para isso, é imprescindível entender seus sentimentos, dores e medos, incentivá-lo a vencer sua doença e dar-lhe apoio e atenção (TORQUATO et al., 2013).

Apesar de o cuidado humanizado estar rotineiramente associado à concepção de um atendimento afetuoso, empático e atento às necessidades do paciente, a humanização é um desafio a toda equipe de saúde, uma vez que envolve os seus cuidadores e demais atores do contexto hospitalar (ESTEVES et al., 2014).

Embora o MS desenvolva estratégias para a melhoria da assistência humanizada oferecida nas instituições de saúde, especificamente nas unidades pediátricas, muitos impasses são apontados como fatores dificultadores na consolidação dessa política pública. Torquato et al. (2013) citam “a existência de áreas físicas insatisfatórias, a ausência de materiais, o déficit de equipamentos e recursos humanos, a demora ou até mesmo o atendimento inadequado” como alguns exemplos de empecilhos para o alcance do cuidado humanizado.

Segundo Esteves et al. (2014), o aspecto humanizado do cuidado é uma das principais dificuldades encontradas pelos profissionais, associados a inadequação e

ineficácia da implantação da humanização. Oliveira et al. (2011) acreditam que a instituição possa intervir nas problemáticas levantadas, minimizando as dificuldades e aumentando a qualidade de vida dos profissionais ao assumir a responsabilidade de planejar a assistência. Ademais, podem disponibilizar ferramentas para favorecer a implantação da humanização na assistência e na relação multiprofissional, visando o bem-estar de todos envolvidos no processo.

Valorizando a relevância do bem estar biopsicossociais da criança e sua família alguns hospitais já têm investido na humanização da assistência, promovendo ambientes acolhedores e atenuantes das experiências negativas vivenciadas durante a internação (ESTEVES et al., 2014).

## O CLOWN E O LÚDICO NO AMBIENTE PEDIÁTRICO

A palavra clown surgiu no século XVI para designar um fazendeiro, rústico e torpe. Outra origem é a derivação celta, caracterizando um camponês visto pelas pessoas da cidade como desajeitado e engraçado, indicando, num outro momento, aquele que, com artificiosa faz o público rir (CLOWN CÔMICO, 2016).

Nas diversas culturas ao redor do mundo, a figura do palhaço é associada a uma figura cômica baseada na lógica do bobo, do desajustado. Entretanto, o palhaço, conhecido atualmente na cultura ocidental, se originou nos circos europeus do século XVIII, se apresentando com números de habilidades corporais cujo risco de vida era iminente. Devido às tensões a que a platéia eram submetidas, nos intervalos eram inseridos números cômicos clownescos, para aliviar a tensão (SATO et al., 2016).

A origem do Clown está associada com figuras bizarras e também com os bobos da corte. Foi somente no período medieval que o clown se tornou profissional, fazendo parte da Commedia Dell'Arte um movimento que traz características do carnaval por nas suas apresentações, os artistas estarem mascarados e nas suas encenações existirem sempre acrobacias e pantomimas. No Brasil o clown é usado como sinônimo de palhaço, mas existe uma grande diferença entre os dois: o primeiro é o artista de teatro e o segundo é aquele mais brincalhão, o artista de circo e rua, das festinhas de aniversário (BARRETO et al., 2011).

Por suas características próprias, o palhaço é um transformador de ambientes. Quando o clown entra no ambiente hospitalar, ela leva as crianças a um mundo em que a realidade pode ser transformada e, a partir de um problema, surge a oportunidade de diversão. É uma característica particular do palhaço, o poder de gerar o riso (LINGE, 2013).

Marcelo Pinto (2008, p. 22), conhecido como doutor Risadinha, em seu livro "Sorria, Você Está Sendo Curado!" relata que o riso auxilia na redução da dor, aliviando-a através da liberação de endorfina, também conhecida como opíáceo endógeno, uma vez que é definida como substância natural com propriedades analgésicas produzidas pelo próprio organismo.

De acordo com Barreto et al. (2011) outra atividade bastante relevante é a utilização da música como instrumento terapêutico, conhecido como musicoterapia. A contribuição da musicoterapia nos diferentes contextos hospitalares tem sido reconhecida por minimizar os efeitos da hospitalização, influenciando diretamente na qualidade de vida do paciente (MYSKAJA, 2008).

O palhaço pode introduzir a música no ambiente hospitalar por meio de cantigas infantis, violão ou instrumentos de brinquedo, fazendo com que a criança se sinta bem e consiga se expressar (BARRETO et al., 2011). Segundo a Canadian Association For Music Therapy (2008), cantar é uma terapia não farmacológica que ajuda no desenvolvimento da comunicação, no controle dos movimentos respiratórios, minimiza a tristeza, medo e ansiedade e melhora a interação com as pessoas. Além disso, tocar instrumentos beneficia a coordenação motora, melhora a autoestima e o bem-estar.



Lima et al. (2009) apontam que música acompanhada por instrumentos, gestos e representações é um estímulo a movimentação dos pacientes. O palhaço, como artista que tem o dom do improvisado, é capaz de contar histórias de acordo com cada momento. O uso da linguagem ficcional e simbólica pode determinar um meio de comunicação apropriada a alguns momentos em que o diálogo lógico- racional pode não ser o melhor meio de se abordar uma criança.

Os palhaços no hospital transformam estruturas, objetos, funções e pessoas, mudando todo o ambiente hospitalar e trazendo benefícios as crianças, família e todos aqueles envolvidos no processo de hospitalização. Essa desconstrução do ambiente hospitalar e sua redefinição são a base da maior parte dos projetos que atuam com o grupo de voluntários que se caracterizam de palhaço no hospital, trazendo o riso por meio da “criação de um mundo entre o real e o imaginário que permite o surgimento da imaginação e da criatividade” (SATO, 2016).

#### A TERAPIA DO RISO

A terapia do riso ou a risoterapia é uma técnica existente desde os anos 60 e foi propagado pelo médico americano Hunter Adams chamado de “Patch Adams”. Adams observou o baixo estado de alegria em seus pacientes, resolvendo então, inserir a risoterapia no seu ambiente de atuação, propondo uma desconstrução de atitudes e hábitos prejudiciais no comportamento humano para se viver com amor e felicidade (SILVA et al., 2016).

Para a criança adaptar-se ao ambiente hospitalar é fundamental o uso de metodologias para minimizar os efeitos negativos da hospitalização. Neste contexto, as atividades lúdicas funcionam como um estímulo à recuperação e adaptação da criança em um novo ambiente (BORGES et al., 2008).

Quando o palhaço atua no hospital e desenvolve atividades lúdicas com as crianças, as mesmas perdem o medo da figura dos Enfermeiros com seus jalecos brancos que a qualquer momento podem administrar uma medicação e causar-lhe dor. Com o humor a equipe de Enfermagem transforma sua imagem perante a criança, que passa a enxergá-lo como uma pessoa confiável e alegre. Assim a risoterapia se configura como uma medida facilitadora na comunicação entre os profissionais e os pacientes, ajuda na aceitação do tratamento e afasta sentimentos negativos (DOUTORES DA ALEGRIA, 2010).

Segundo Melo (2008), no ambiente pediátrico, a arte é uma forma de comunicação com os outros, que proporciona a organizar das percepções, sentimentos e sensações. No caso da criança, a risoterapia o ajuda a se expressar, favorece sua criatividade e seu desenvolvimento biopsicossocial. Essa terapia minimiza os sentimentos negativos advindos da internação e previne consequências que afetam o desenvolvimento infantil, como por exemplo, a depressão.

Esteves et al. (2014) sinalizam o brincar como um meio de exploração e expressão dos medos, anseios e receios da criança. Tavares (2008) afirma que quando a criança brinca, ela obtém condições para libertar o estresse e a tensão gerados pela mudança na sua rotina devido à hospitalização. Este fator tem valor importante para uma infância saudável, principalmente, na criança hospitalizada, fundamentando-se numa estratégia relevante para a liberação do estresse e medo ligados à doença, hospitalização e tratamentos.

A forma de comunicação que atividades lúdicas estabelece entre as crianças e a equipe de Enfermagem, além da relação de confiança, é evidenciado por Parcianello et al. (2008). Os autores afirmam ainda que brincar contribui para a desmistificação das concepções que a criança e dos seus familiares têm em relação aos profissionais de saúde, humanizando a relação entre ambos.

Oliveira et al. (2009) apontam, também, para o seu papel na obtenção de informação sobre o estado clínico infantil. O modo como a criança brinca é indicador de como ela como raciocina, descobre, persiste ou reage às situações.

A criação de espaços lúdicos na pediatria é como prática essencial ao bem-estar, desenvolvimento e distração da criança hospitalizada. Nas atividades lúdicas a criança encontra novas possibilidades para a ocupação do seu tempo ocioso, estímulos cognitivo, social, emocional e psicomotor importantes ao seu crescimento, desenvolvimento e à sua autonomia (ESTEVES et al., 2014).

Apesar dos benefícios da implantação da risoterapia, Francischinelli et al. (2012) evidenciam que essas atividades nem sempre são valorizadas pela equipe de saúde, que não as reconhece como uma das atribuições dos profissionais de Enfermagem. Além disso, algumas dificuldades como falta de tempo, preocupação com as demais tarefas a serem realizadas no setor e interferência dos voluntários na rotina de trabalho, se configuram como empecilho na consolidação desse trabalho lúdico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A essência do cuidado humanizado está nas relações interpessoais entre os profissionais de Enfermagem, pacientes e seus familiares, construídas durante a assistência. Compete aos Enfermeiros, técnicos e auxiliares se abrirem à interação com o outro, para que se possa resgatar o cuidado integral, a partir dos saberes científicos, ético e lúdico. Nesse sentido, a risoterapia surge como uma ferramenta terapêutica com o propósito de estabelecer a comunicação e o vínculo entre esses sujeitos, ressaltando suas subjetividades, sistematizando e humanizando o cuidado.

Atividades lúdicas, aquelas voltadas para estímulo da criatividade, da alegria e do prazer, surgem com o intuito de preencher a lacuna da assistência mecânica e rígida, prestada, principalmente, no ambiente hospitalar. Esse tipo de prática, além da fácil execução e baixo custo, trás mudanças no comportamento das crianças frente à internação, melhora o relacionamento com a equipe de profissionais, colabora com a aceitação do tratamento e com a percepção mais agradável acerca da pediatria.

Diante desse estudo, entende-se que os conhecimentos acerca da humanização e dos saberes lúdicos se iniciam na formação acadêmica e desenvolvem na prática clínica. Observou-se a necessidade de disseminar, principalmente no meio acadêmico, estudos e práticas sobre a utilização de terapias complementares e integrativas como a terapia do riso, enquanto ferramenta para assistência humanizada em pediatrias.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, I. S.; KREMPEL, M. C.; HUMEREZ, D. C. O Cofen e a Enfermagem na América Latina. *Rev. Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 2, n. 4, p. 251-4, 2011.
- BORGES, E. P.; NASCIMENTO, M. D. S. B.; SILVA, S. M. M. Benefícios das atividades lúdicas na recuperação de crianças com câncer. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 08, n. 02, p. 211-221, jan. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v28n2/v28n2a09.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.
- BRASIL. Diretrizes para a implementação do humanizadas. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/231-sa-raiz/humanizadas/11-humanizadas/12419-diretrizes-e-dispositivos>>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- CAIRES, S; ESTEVES, C. H; ALMEIDA, I. Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil. *Psico-USF*, v. 19, n. 3, p. 377-386, set./dez. 2014.
- CALVETT, P. U.; SILVA, L. M.; GAUER, G. J. C. Psicologia da saúde e criança hospitalizada. *Psic*, São Paulo, v. 9, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142008000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142008000200011)>. Acesso em: 25 nov. 2016.

- CANADIAN ASSOCIATION FOR MUSIC THERAPY. Music therapists, key to your health. Disponível em: <<http://www.mcgill.ca/caps/canadian-association-music-therapy>>. Acesso em: 04 out. 2016.
- CLOWN CÔMICO. Clown. Disponível em: <<http://www.clown.comico.nom.br/clown.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- COUTINHO, M. O; LIMA, I. C; BASTOS, R. A. Terapia do riso como instrumento para o processo de cuidado na ótica dos acadêmicos de enfermagem. Abcs health sciences, v. 41, n. 3, p. 163-167, 2016.
- DOCTORES DA ALEGRIA. Livro de atividades 2010. São Paulo: Offset do Brasil, 2010. 104 p.
- ESTEVES, C. H; ANTUNES, C; CAIRES, S. Humanização em contexto pediátrico: o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 18, n. 51, out./dez. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000400697&lang=pt](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000400697&lang=pt)>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- FASSARELLA, C. S. et al. A terapia do riso como uma alternativa terapêutica. Rev rede de cuidados em saúde, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.br/index.php/rcs/article/view/1678>>. Acesso em: 27 nov. 2016.
- FRANCISCHINI, R.; FERNANDES, N. Os desafios da pesquisa ética com crianças. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 33, n. 1, jan./mar. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2016000100061&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000100061&lang=pt)>. Acesso em: 09 jan. 2017.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Humanização. Disponível em: <<http://pensesus.fiocruz.br/humanizacao>>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- GOMES, G. C. et al. A família durante a internação hospitalar da criança: contribuições para a enfermagem. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, abr./jun. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452014000200234](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452014000200234)>. Acesso em: 25 out. 2016.
- GOMES, G. L. L; FERNANDES, M. G. M; NÓBREGA, M. M. L. Ansiedade da hospitalização em crianças: análise conceitual. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 69, n. 5, set./out. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672016000500940&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000500940&lang=pt)>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- LIMA, R. A. G. et al. A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. Rev Esc Enferm USP, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 186-93, 2009.
- LINGE, L. Joyful and serious intentions in the work of hospital clowns: A meta-analysis based on a 7-year research project conducted in three parts. Int J Qual Stud Health Well-being, Rockville, v. 10, n. 8, 2013. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3538281/>>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- MELO, A. A. terapêutica artística promovendo saúde na instituição hospitalar. Ibérica: Ver. Interdisciplinar de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, Porto, v. 1, n. 3, p. 159-89, 2008.
- MYSKJA, A. Integrated music: an approach to improved health and wellbeing in nursing homes. In: 12 Congreso Mundial de Musicoterapia 2008. Anais. Buenos Aires: Librería Akadia Editorial; 2008. p. 400-1.

NAVARRO, L. M.; PENA, R. S. A Política Nacional de Humanização como estratégia de produção coletiva das práticas em saúde. Rev. psico. da UNESP, São Paulo, v. 12, n. 1, jan. 2013. Disponível em: <<http://seer.assis.unesp.br/index.php/revpsico/article/view/552>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

OLIVEIRA, L. D. B. et al. A brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum., São Paulo, v. 19, n. 2, p. 306-12, 2009.

OLIVEIRA, L. L.; SANINO, G. E. C. A humanização da equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva neonatal: concepção, aplicabilidade e interferência na assistência humanizada. Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped., São Paulo, v. 11, n. 2, p. 75-83, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.sobep.org.br/revista/component/zine/article/143-a-humanizacao-da-equipe-de-enfermagem-em-unidade-de-terapia-intensiva-neonatal.html>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

PARCIANELLO, A. T. E agora doutor, onde vou brincar? considerações sobre a hospitalização infantil. Barbarói: Rev. do departamento de ciências humanas, Santa Cruz do Sul, n. 28, p. 147-66, jan. 2008. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/356>>. Acesso em: 06 dez. 2016.

PINTO, Marcelo. Sorria, você está sendo curado!. 1 ed. Gente, 2008. 136 p.

SATO, M. et al. Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 20, n. 56, jan./mar. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832016000100123&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000100123&lang=pt)>. Acesso em: 04 nov. 2016.

SILVA, M. F. D. et al. Comunicação na passagem de plantão de enfermagem: segurança do paciente pediátrico. Rev. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 25, n. 3, out. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072016000300322&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072016000300322&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 02 mar. 2017.

TAVARES, P. Acolher brincando: a brincadeira terapêutica no acolhimento de enfermagem à criança hospitalizada MINAYO, M. C. S (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais). Resenha.

TORQUATO, I. M. et al. Assistência humanizada à criança hospitalizada: percepção do acompanhante. Rev enferm UFPE on line, Recife, v. 7, n. 9, p. 5541-9, set. 2013. Disponível em:

<[http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/4721/pdf\\_3399](http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/4721/pdf_3399)>. Acesso em: 04 out. 2016.